

ENTREVISTA COM:

ALEXANDRE LERIPPIO



Alexandre Leripio

Alexandre Leripio é engenheiro agrônomo graduado pela Universidade Federal de Pelotas e mestre em Agronomia pela mesma universidade com foco em Valorização de Resíduos Agroindustriais como Fertilizantes e Condicionadores de Solo. É Doutor em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (2001). Desde 2000 é professor e pesquisador da UNIVALI, atualmente vinculado aos Programas de Pós-Graduação em Administração (PPGA) e de Mestrado em Gestão de Políticas Públicas (PMGPP) onde atua com sustentabilidade territorial e organizacional e inicia um projeto integrado na área de Negócios Sociais, Inclusivos e de Impacto. Vice-líder do Grupo de Estudos em Sustentabilidade e Gestão (GESeG/PPGA/UNIVALI), grupo de pesquisa vinculado ao diretório do CNPq, é membro de comitês científicos de periódicos tais como ForScience, Revista Hipótese, Mix Sustentável, Revista Árvore, Revista Alcance, Desenvolvimento e Meio Ambiente (UFPR), Visão e Ação, Revista Ambiente & Água e Revista Produção

Online e de congressos relacionados ao tema, tais como ENSUS, ENANPAD, ENEGEP e outros. Desde 2003 dirige uma empresa de consultoria e projetos na área de sustentabilidade que atende pequenas e microempresas em parceria com o SEBRAE e médias e grandes empresas como Tractebel Energia, Furnas Centrais Elétricas, PETROBRAS, TRANSPETRO, Portobello, Embraco, Momento Engenharia Ambiental, Malwee, e CELESC, entre outras.

2) Quando você começou a se interessar pela questão da sustentabilidade?

Alexandre Leripio: O interesse pela sustentabilidade surgiu ainda adolescente, indignado com os lixões, até influenciar a escolha da faculdade a ser cursada, que foi um grande dilema na época. Filho de advogados, todos esperavam que cursasse Direito em minha cidade (Pelotas/RS), mas me inscrevi e passei no vestibular em Engenharia Química em outra cidade (Rio Grande/RS). Durante os primeiros dois semestres de Engenharia Química, visitei muitas indústrias, de fertilizantes e agroquímicos principalmente. O ambiente industrial poluído e insalubre, além de perigoso, me fez vislumbrar que não era o caminho que me tornaria um profissional realizado. Ao final do mesmo ano, prestei vestibular para Agronomia e fui aprovado, mas isso representou outro dilema, pois apesar da “revolução verde” e seus pacotes tecnológicos predominarem como tecnologias de “vanguarda” nessa época, eu havia conhecido a realidade das fábricas de adubos e agroquímicos. E não havia gostado do que tinha visto.

3) Esse interesse já tinha alguma relação com a atividade de projeto ou foi sendo construído ao longo de sua carreira?

Alexandre Leripio: Na faculdade de Agronomia participei de grupos de estudo sobre Agricultura Alternativa e Agroecologia e conheci princípios e valores que poderiam tornar possível uma integração entre o ser humano e a natureza ou entre o desenvolvimentismo e o conservacionismo. Apesar da “revolução verde” e seus pacotes tecnológicos predominarem como tecnologias de “vanguarda” nessa época, nascia no mundo um movimento que seria o alicerce do que atualmente denominamos sustentabilidade. Rachel Carson e seu livro “A Primavera Silenciosa” foram marcos de um tempo de reflexão sobre tais relações. Esse movimento alternativo começou a ganhar cada vez mais adeptos e produzir cada vez mais conhecimento empírico e científico, a ponto de me convencer que se constituía na

melhor forma de alcançarmos o equilíbrio a longo prazo nas relações homem-natureza. Ao concluir a graduação, me inscrevi no Mestrado em Agronomia, onde estudei a viabilidade de utilização de resíduos agroindustriais, como fontes de nutrientes para plantas, ou seja, um possível ciclo fechado de matérias primas e resíduos no setor agrícola e agroindustrial em que resíduos altamente poluentes e gerados em grandes quantidades por frigoríficos, engenhos de arroz e curtumes poderiam se transformar de problemas ambientais em oportunidades de redução de custos e geração de renda, além de proporcionarem a melhoria da fertilidade e estrutura dos solos agrícolas da região de entorno das agroindústrias. O contato com processos industriais sob a perspectiva da eficiência, identificando os resíduos gerados e buscando sua valorização despertaram o interesse por maior aprofundamento de estudos sobre o tema, de forma que o doutorado em Engenharia de Produção foi a sequência dessa trajetória. Durante o doutorado, aprofundi o conhecimento sobre sustentabilidade de cadeias produtivas, explorando os principais setores industriais da região sul do Brasil. Uma definição própria de negócio sustentável e uma proposta de Estágios da Estratégia Sustentável de Produção foram algumas das contribuições decorrentes dessa fase dedicada à pesquisa.

4) Atualmente, qual a sua principal linha de pesquisa com relação à sustentabilidade?

Alexandre Leripio: Meu atual foco de pesquisa busca integrar a sustentabilidade de cadeias produtivas, com especial interesse em processos de desintermediação e os negócios sociais, inclusivos e de impacto, onde descobri um ambiente inovador e disruptivo com propósito de contribuir para uma sociedade mais equilibrada. No Programa de Pós-Graduação em Administração da UNIVALI (PPGA), ministro disciplina sobre Sustentabilidade e Negócios Sociais, além de orientar mestrandos e doutorandos sobre o tema e estruturar uma iniciativa transversal integrando graduação e pós-graduação voltada à negócios sociais, inclusivos e de impacto. No âmbito prático, sou um dos fundadores da startup Sumá, uma plataforma de conexão direta de agricultores familiares com clientes e mercados mais justos.

5) Professor, considerando o momento atual em que vivemos, acha possível uma integração na prática dos chamados pilares da sustentabilidade (econômica, social e ambiental) nos dias de hoje, ou ainda estamos longe do pretendido pela teoria?

Alexandre Leripio: Estamos longe ainda, mas creio que em um processo evolucionário, onde a humanidade tem aprendido e melhorado lentamente, mas em ritmo constante em direção à sustentabilidade. A necessária mudança dos valores e da orientação dos sistemas produtivos será decorrência de uma mudança na percepção das pessoas que compõem as organizações, o que pode ser alcançado a partir de duas motivações básicas: por consciência (sentido de necessidade) ou por espírito empreendedor (sentido de oportunidade). O design (ou re-design) de cadeias produtivas sustentáveis e de negócios sociais, inclusivos e de impacto possui papel crucial nessa evolução. É fundamental que se inicie a busca pela sustentabilidade em caráter interno, mas a inserção de uma organização em uma cadeia produtiva e as características gerais dessa cadeia de fornecedores e consumidores dizem muito sobre o real estágio de sustentabilidade alcançado pela mesma. E a sociedade (cidadãos e consumidores) deve avaliar as práticas divulgadas por organizações que, ainda um pouco longe de cumprir com suas obrigações mais básicas, utilizam campanhas publicitárias para comunicar ao mercado que são sustentáveis. Será que são mesmo? É nossa obrigação como profissionais, cidadãos e consumidores verificar isso de forma constante. Por fim, é importante ressaltar que quando falamos de organizações e negócios sustentáveis, estamos falando de pessoas conscientes e engajadas. Umas não existem sem as outras.